

*Rayanne Gabrielle da Silva

A seguir, farei um pequeno relato do que vivenciei durante cerca de 5,5 anos dentro de uma universidade federal aqui no Estado do Rio Grande do Norte.



Desde que o novo Ministro da Educação decidiu cortar verbas das Ciências Humanas, o desespero tomou conta dos professores e alunos da área. Em seguida, o mesmo ministro foi além e afirmou que contingenciará – veja-se, não é corte! – cerca de 30% da verba destinada à educação, principalmente a que afeta custeio das universidades e bolsas de pesquisa.

Instalou-se, assim, o caos, o Apocalipse científico. Os anunciadores do fim dos tempos propagam, em alto e bom som, a paralisação das universidades e institutos federais, o fim das pesquisas e dos investimentos, a desaceleração do avanço científico brasileiro. De repente o ar-condicionado não funciona mais, as luzes estão apagadas e a água passa por racionamento.

Muitos acusam (erroneamente) o governo de estar – pesando a mão – e praticando – revanchismo – contra a classe científica do país. No entanto, aqueles que o afirmam não revelam ao público em geral o que realmente são as universidades públicas no Brasil e suas estranhas produções acadêmicas.

A seguir, farei um pequeno relato do que vivenciei durante cerca de 5,5 anos dentro de uma universidade federal aqui no Estado do Rio Grande do Norte. Entre as muitas coisas boas vividas, as ruins prevalecem e me fazem jamais querer retornar a uma instituição dessas. Veja-se o porquê: Conheci pessoas de todos os tipos e credos nesses locais. De fato, lá você conhece o mundo e precisa tomar cuidado para não cair nas tentações ruins ofertadas por ele. Professores, alunos e demais funcionários não estão isentos de qualquer culpa:
rola de tudo o que se possa imaginar, entre sexo, drogas, desvio de verbas e superfaturamento de pesquisas, perseguição ideológica e até

ameaças.

Vi e sofri um pouco de tudo, sobrevivendo como pude. Já me ofereceram cigarro de maconha como se fosse algo natural. Recebi propostas sexuais, inclusive de homens casados. Professores e professoras já deram em cima de mim, até mesmo dentro de sala de aula, na frente de todos. E isso não foi só comigo: várias pessoas já passaram por essa situação.



"Performance artística" em um dos centros acadêmicos

Tive colegas que saíam com professores casados em troca de bolsa. Por falar nesta, existem alunos há sete, nove, dez anos ou mais dentro dessas instituições sobrevivendo às custas da universidade por meio desses recursos. Muitos desses alunos não buscam um emprego, reprovam de propósito para permanecer mais tempo dentro da universidade e mal fazem um trabalho decente de pesquisa, monitoria ou extensão (os tipos de bolsas ofertadas). Trabalhei com uma em que os demais bolsistas e até mesmo a coordenadora pedia para ficar *de olho* porque a mesma já tinha fama de não fazer nada e estava lá, recebendo como todo mundo.

Havia colegas que não precisavam de qualquer tipo de auxílio da universidade, mas conseguiam, por meio de falcatruas diversas, obter um auxílio-moradia, um auxílio-alimentação, transporte e até óculos *de* isso mesmo. Auxílio-óculos, para aqueles que não têm condições de comprar um. A universidade não fazia uma inspeção mais rigorosa nesses tipos de solicitações. Apenas concedia. E quem recebia ria pelas costas, triunfante.

Quanto às intervenções ditas "artísticas", era comum, principalmente no Centro de Ciências Humanas, alunos ficarem nus e darem abraço coletivo no prédio do centro. O pior é que eles mesmos faziam questão de colocar nas redes sociais. Em uma outra intervenção, jogaram fezes humanas e sangue de menstruação nas paredes de um departamento. E disseram ser "arte". Também postaram nas redes.

A onda dos banheiros unissex resultou em bizarrices nunca antes vistas. Alunos mais

abertos faziam manifestações para que todos os banheiros fossem usados pelos dois sexos. Reencontrei um colega na semana passada que afirmou ter ficado preso em um dos banheiros pelos manifestantes de modo a apoiar a causa. Teve de ligar para um amigo para ser resgatado. Até hoje, sei de alguns jovens que moram em um desses banheiros. Isso mesmo. Moram. No banheiro. Ninguém os usa, é claro, pois tornou-se a casa dessa gente.

Por falar em banheiros, em casos de solicitação de serviços de prostituição, há uma verdadeira lista telefônica atrás das portas, fora as "belas" mensagens colocadas por "filósofos" daquele local, como "a maconha cura" ou "as vaginas sangram", seguida pelo desenho de uma como descrita na frase. Afora os xingamentos a professores, partidos políticos e até a possíveis rivais dentro da instituição.

* Especialista em História Militar, licenciada em História, graduanda em Administração e professora da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte.